Só por participar de grupos, membros também podem responder por crimes

Alerta é feito por advogado especialista em delitos digitais, que aponta alta na procura pela Justiça por profissionais da educação alvos de chacota

má utilização da tecnologia pode trazer dores de cabeça até para quem apenas integra grupos em redes sociais, mas não participa. Especialista em crimes digitais, o advogado José Antônio Milagre diz que é cada ano maior o número de professores que procura a Justiça por terem sido alvos de chacota e abusos on-line por parte de estudantes. Ele alerta que os tribunais têm entendido que há responsabilidade não só para quem publica e compartilha conteúdos ilegais, mas também para os demais membros dos grupos, mesmo que eles não tenham se posicionado.

"Cresceu muito a procura por profissionais da educação

vítimas de crimes raciais, de homofobia ou mesmo por terem virado chacota. A Internet aumentou a pena em um terço para quem pratica injúria ou difamação on-line", reforça Milagre.

"Uma professora descobriu que existia uma página falsa com seu nome na Internet criada por estudantes e que prejudicava sua reputação. Eles foram condenados, no fim de 2018, ao pagamento solidário de 60 mil em danos morais, que foram repartidos por cada integrante", exemplifica o especialista.

EVITE

Para não ser alvo, ele ensina que o usuário da rede deve ativar a ferramenta para não baixar automaticamente conteúdos da web.

"Ao receber algo indevido, a pessoa deve demonstrar no grupo se consente ou não. E tirar um print do seu posicionamento antes de deixar o grupo. Se um dia o ofendido souber e arrolar um processo, o usuário terá provas de que jamais entrou lá esperando receber conteúdos do tipo", ensina o advogado.

Ao perceber que um grupo de WhatsApp formado por
pais de alunos da sala de seu
filho havia virado espaço de
conflito, uma enfermeira de
37 anos o deixou. "Criamos
para falar de festinhas e atividades, mas as pessoas não
se entendiam direito e gerava
mais confusão do que solução.
Se eu tiver que reclamar algo
da escola, prefiro falar para a
diretora. Se o problema é professor, prefiro resolver com ele
mesmo" ressalta.

COMPETÊNCIA

Pedagoga e especialista em utilização da tecnologia no ambiente escolar, Ketilin Mayra Pedro, que também é diretora do Centro de Ciências Humanas da USC, diz que a tecnologia, se mal usada, pode reforçar a exclusão e a violência, principalmente no contexto da escola.

"As pessoas ficam mais desinibidas no mundo on-line e o fato de não possuírem a competência digital faz com que elas não reflitam sobre como se portam e quais grupos pertencem. Na pressa, as pessoas não leem direito os conteúdos e, muitas vezes, se posicionam de forma inadequada, causando conflitos", cita a especialista. "No caso dos adolescentes é pior, porque eles já vivem em crise. E como não há debate sobre alfabetização digital, alguns simplesmente compactuam com as coisas, não checam, não refletem", considera.



Pedagoga, Ketilin Mayra Pedro diz que a tecnologia, se mal usada, pode reforçar a exclusão e a violência na escola

'Doeu mais on-line do que presencialmente'

A violência escolar não atinge só professores. Aluno do nono ano de uma escola de Bauru, um garoto de 14 anos, conta ter sido vítima de homofobia por parte de colegas de sala em um grupo de WahtsApp. Após se assumir, o garoto foi excluído.

"Eu comecei a me transformar e um menino me descriminou e me chamou de gay de merda. Os demais colegas de sala viram tudo, mas não se posicionaram. Aquilo doeu mais on-line do que presencialmente".





